

Processos de Subjetivação de Homens Negros, Cisgêneros e Gays em Situações de Vulnerabilidade Social: Diálogos entre os filmes Moonlight e Sócrates

Processes of Subjectivation of Black, Cisgender, and Gay Men in Situations of Social Vulnerability: Dialogues between the films Moonlight and Sócrates

Edvaldo Caldas de Andrade Neto¹
Aysla Camylle Vieira Gomes²
Gabriel Palma Santos Nascimento³
Thainá Miranda Santos⁴
Israel Marques Campos⁵

143

Resumo: O presente estudo realiza uma análise das interseções entre raça, classe, gênero e sexualidade na constituição subjetiva de jovens negros, cisgêneros e homossexuais em contextos de vulnerabilidade social, com base nas representações construídas nos filmes Moonlight (2016) e Sócrates (2018). De natureza teórico-qualitativa, o artigo articula revisão bibliográfica com análise de conteúdo fílmica. Embora ambientadas em realidades socioculturais distintas, nos Estados Unidos e no Brasil, ambas as narrativas revelam experiências atravessadas por sofrimento ético-político, instabilidade afetiva, negligências e desamparo. Defende-se, assim, o cinema como um dispositivo crítico de visibilização das subjetividades marginalizadas, reforçando a urgência de políticas públicas que promovam a justiça social para as existências contra-hegemônicas.

Palavras-chave: Subjetivação. Gays. Vulnerabilidade Social. Cinema.

¹ Bacharel em Saúde, Especializando em Neuropsicologia e Acadêmico de Psicologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7681-2042>. E-mail: edvaldocaldaspsi@gmail.com

² Bacharelanda em Saúde e Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1404-2481>. E-mail: ayslacamylle@aluno.ufrb.edu.br

³ Bacharela em Saúde e Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4151-9151>. E-mail: gabrielp_@outlook.com.

⁴ Bacharel em Saúde e Acadêmico de Psicologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0741-9653>. E-mail: thainamrnd@aluno.ufrb.edu.br

⁵ Doutor em Educação Universidade Federal da Bahia, Pesquisador em Pós-Doutorado Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8514-8108> E-mail: isracamposedh@gmail.com.

Recebido em 13/06/2025

Aprovado em: 02/08/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: The present study analyzes the intersections between race, class, gender and sexuality in the subjective constitution of young black, cisgender and homosexual people in contexts of social vulnerability, based on the representations constructed in the films *Moonlight* (2016) and *Sócrates* (2018). Of a theoretical-qualitative nature, the article combines a bibliographic review with film content analysis. Although set in different sociocultural realities, in the United States and Brazil, both narratives reveal experiences permeated by ethical-political suffering, emotional instability, negligence and helplessness. Cinema is thus defended as a critical device for making marginalized subjectivities visible, reinforcing the urgency of public policies that promote social justice for counter-hegemonic existences.

Keywords: Subjectivation. Gays. Social Vulnerability. Cinema.

1 Introdução

A construção de gênero, segundo Bezerra et al. (2017), é influenciada por fatores culturais e sociais que se manifestam desde a infância, como os brinquedos, os jogos, a forma de vestir, os gestos, a maneira de falar e as relações com os pares e adultos. Esses elementos moldam o sujeito e indicam quais comportamentos são considerados adequados para cada gênero. Louro (2017) complementa afirmando que o gênero é resultado de um processo contínuo e dinâmico, marcado por práticas sociais que variam conforme a cultura. Além disso, o sentido de gênero é produzido e reforçado por instituições como a justiça, a escola, a igreja e a mídia, que impõem papéis específicos e contribuem para a reprodução e manutenção das normas de gênero por meio de valores morais, éticos e ideológicos transmitidos durante a formação e socialização dos sujeitos.

Segundo Martins *et al.* (2016), dentre estas instituições sociais que viabilizam a manutenção de uma normatividade de gênero, as produções midiáticas se destacam como uma forma de expressão artística. Em especial, o cinema tem um papel relevante nesse processo, pois pode contribuir para a perpetuação de práticas que reproduzem discursos que reforçam padrões hegemônicos que reconhecem como legítimos apenas os corpos que se enquadram na cisheteronormatividade⁶. No entanto, embora possa atuar na perpetuação de práticas que buscam homogeneizar os sujeitos, o cinema também possui potencial para ser utilizado para subverter as lógicas normativas, funcionando como ferramenta crítica capaz de ampliar as possibilidades de existir, ser e se expressar no mundo.

Martins *et al.* (2016) volta a salientar que, o cinema pode também desempenhar um papel significativo na investigação de fenômenos culturais, ao superar visões realistas ingênuas

⁶ A Cisheteronormatividade é um sistema de normas sociais que naturaliza e privilegia a combinação da identidade de gênero cisgênero com a orientação heterossexual, considerando essa configuração como padrão e norma dominante, enquanto marginaliza identidades e orientações que fogem a esse modelo.

e permitir a análise de formações imaginárias que influenciam os processos culturais. Nessa perspectiva, o cinema atua tanto como intérprete quanto como criador de realidades, servindo assim, como instrumento de transformação, desenvolvimento de consciência e construção da subjetividade do indivíduo. Assim, compreende-se que a subjetividade, conforme Bock (2001), não se restringe ao mundo interno do indivíduo, mas constitui-se na dinâmica dialética entre o sujeito e a sociedade, sendo atravessada por valores, práticas culturais, condições materiais e históricas.

Em conformidade com Bonoto (2021), as produções midiáticas ocupam um papel central na construção e regulação das identidades, especialmente no que se refere às pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não Binários) que são atravessadas por múltiplos marcadores sociais, como classe, gênero, sexualidade e raça. De acordo com Zamboni (2014), os marcadores sociais da diferença funcionam como sistemas classificatórios que estruturam as vivências sociais, ao associar os sujeitos a determinadas categorias sociais. Tais classificações carregam significados próprios e implicam posições sociais específicas, vinculadas a atributos culturalmente construídos.

A presença ou ausência de representações nos produtos midiáticos influencia diretamente os percursos de inclusão e aceitação desses sujeitos. Bonoto (2021), diz que, ainda que haja alguma visibilidade, alguns indivíduos LGBTQIAPN+ percebem que ela muitas vezes ocorre por meio de estereótipos ou de formas cuidadosamente controladas, o que exige destes um constante esforço de negociação com as representações disponíveis. Ainda assim, essas representações podem ser apropriadas como estratégias de pertencimento social e resistência política.

Desse modo, compreendendo a importância de obras que explorem os processos subjetivos de populações contra-hegemônicas⁷, o presente artigo se debruça sobre duas produções cinematográficas que, com suas particularidades, similaridades e diferenças, oferecem uma rica gama de possibilidades para a análise dos processos de subjetivação dos sujeitos. O filme *Moonlight* (2016), dirigido pelo estadunidense *Barry Jenkins* e vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2017, acompanha a trajetória de um homem negro, cisgênero⁸ e gay

⁷ Populações contra-hegemônicas são aquelas que resistem às normas e valores sociais dominantes, desafiando estruturas de poder estabelecidas e propondo formas alternativas de existência em relação a gênero, sexualidade, raça e outras categorias sociais.

⁸ O termo cisgênero (ou cis) refere-se à pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao sexo designado no nascimento. O prefixo latino cis significa “do mesmo lado”, indicando essa concordância entre identidade de gênero e sexo atribuído ao nascer.

que vive com a mãe em situação de dependência química, em uma comunidade periférica dos Estados Unidos, atravessada por profundas desigualdades sociais. Dividida em três atos: *Little* (infância), *Chiron* (adolescência) e *Black* (vida adulta), a narrativa acompanha diferentes fases da vida do protagonista, revelando os efeitos das múltiplas violências, tanto físicas quanto simbólicas, que contribuem para sua vulnerabilização e para a constituição de sua subjetividade. A obra também evidencia como as intersecções entre raça, sexualidade, gênero e classe social se entrelaçam na construção identitária do personagem.

Segundo Crenshaw (2002), a interseccionalidade diz respeito à forma como diferentes sistemas de opressão, como o racismo, a desigualdade social, a homofobia e os efeitos da masculinidade hegemônica, se articulam e impactam, de maneira simultânea e indissociável, a experiência dos sujeitos. Nesse sentido, Connell (2013) conceitua a masculinidade hegemônica como uma construção subjetiva do ser homem pautada em uma lógica viril e na negação do afeto entre homens, contribuindo para a manutenção dessas opressões interligadas. Vale ressaltar que a noção de vulnerabilidade social segue a ideia de que a condição de vulnerabilidade não é uma característica individual (Abramovay *et al.*, 2002), mas uma situação produzida por arranjos sociais e políticos que limitam o acesso dos sujeitos a recursos materiais e serviços essenciais (Guareschi *et al.*, 2007).

Como contraponto e em diálogo com *Moonlight* (2016), propõe-se a análise do filme *Sócrates* (2018), dirigido pelo brasileiro-estadunidense Alexandre Moratto. A obra retrata a trajetória de um adolescente de 15 anos, negro, cisgênero gay e em situação de extrema vulnerabilidade social no Brasil. Evidenciando os efeitos da negligência do Estado sobre jovens periféricos. Após a morte de sua mãe, sua principal figura de afeto e referência, Sócrates encontra-se completamente desamparado, tanto social quanto emocionalmente, e rejeitado por um pai homofóbico. Na tentativa de sobreviver e de construir uma identidade em meio ao abandono, o protagonista busca inserção no mercado de trabalho informal. Em um desses contextos, desenvolve sentimentos por Maicon, com quem estabelece uma breve relação afetiva. No entanto, após sofrerem um ataque homofóbico, o vínculo é rompido pelo distanciamento do garoto, aprofundando ainda mais o sentimento de solidão vivenciado por Sócrates.

Considerando que ambos os personagens são atravessados por marcadores de raça e classe social, torna-se relevante trazer esses conceitos para análise. De acordo com Silva *et al.* (2023) “raça” é uma categoria social construída historicamente e carregada de significados culturais, políticos e ideológicos, sem base biológica objetiva. O conceito de “raça” é permeado

por controvérsias e tensões, muitas vezes utilizada para hierarquizar e discriminar determinados grupos, perpetuando preconceitos enraizados em contextos históricos específicos. Ainda segundo Silva *et al.* (2023), o racismo manifesta-se como expressão dessa hierarquização social, na qual a crença na superioridade de certos grupos com base na cor da pele ou características fenotípicas justifica a exclusão, violência e desigualdade. Assim, o racismo é uma consequência direta da maneira como a sociedade constrói e atribui significado à noção de raça.

Já as classes sociais, segundo Bourdieu (2007), não se definem apenas pela posição econômica dos indivíduos, mas também pelo acesso desigual a diferentes formas de capital: econômico, cultural, social e simbólico. Esses capitais se manifestam em distintas esferas da vida e contribuem para a manutenção de hierarquias sociais. O capital cultural envolve, por exemplo, o domínio de códigos linguísticos, o acesso à educação formal e o consumo de determinados bens simbólicos. O capital social diz respeito às redes de relações e contatos que favorecem oportunidades. Já o capital simbólico refere-se ao prestígio e reconhecimento social. A distribuição não igualitária desses capitais contribui para reforçar os mecanismos de dominação e perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que estrutura os modos de vida, as práticas cotidianas e as visões de mundo dos indivíduos.

Nesse sentido, compreender a subjetividade dos protagonistas exige também reconhecer a sexualidade como um eixo central da experiência humana, especialmente no caso de sujeitos gays, cujas vulnerabilidades marcam seus corpos e trajetórias, mas que também encontram na sexualidade uma possibilidade de resistência e afirmação identitária. Para isso, é necessário ultrapassar concepções essencialistas e biologizantes, entendendo a sexualidade como uma construção histórica, social e relacional, atravessada por normas culturais, discursos políticos e relações de poder que regulam desejos. Nessa perspectiva, gênero e sexualidade não são dados naturais, mas construções performativas, compreendidas como efeitos de práticas reiteradas que seguem padrões socialmente estabelecidos, conforme propõe Butler (2018).

A sexualidade, portanto, não se restringe ao ato sexual, mas envolve múltiplas formas de vivenciar o prazer, o afeto, os vínculos interpessoais e a relação com o próprio corpo, atravessadas por diferentes identidades de gênero⁹ e orientações sexuais¹⁰. Louro (2004)

⁹ Identidade de gênero é a forma como a pessoa se reconhece em relação ao gênero, podendo coincidir com o sexo atribuído no nascimento (cisgênero) ou não (transgênero).

¹⁰ Orientação sexual diz respeito à direção do desejo afetivo e/ou sexual de uma pessoa, podendo se voltar para indivíduos do mesmo gênero, de outro gênero ou de mais de um. Por exemplo, a orientação gay refere-se à atração por pessoas do mesmo gênero masculino.

destaca que essas experiências são atravessadas por discursos normativos que produzem hierarquias e exclusões, sobretudo quando se referem a corpos LGBTQIAPN+. Essas dimensões se entrelaçam nas vivências subjetivas e são moldadas por dispositivos sociais que promovem ou negam reconhecimento.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar os filmes *Moonlight* (2016) e *Sócrates* (2018), identificando aproximações e divergências entre as obras e discutir os fatores que atravessam os processos de subjetivação dos protagonistas em situação de vulnerabilidade social, evidenciando como as interseções entre raça, classe, gênero, sexualidade e contexto sociopolítico influenciam suas trajetórias e experiências de existência.

2 Materiais e Métodos

Este artigo teórico adota como método a revisão bibliográfica e a análise fílmica, ambas fundamentadas em aportes conceituais que abordam os processos de subjetivação, conforme delineado por Bock (2001), atravessados por marcadores sociais da diferença (Zamboni, 2014) sob uma perspectiva interseccional (Crenshaw, 2002) que produzem vulnerabilização social (Abramovay *et al.*, 2002; Guareschi *et al.*, 2007). Os principais eixos analíticos mobilizados referem-se às categorias de raça (Silva *et al.*, 2023), classe social (Bourdieu, 2007), gênero (Bezerra *et al.*, 2017; Louro, 2017) e sexualidade (Louro, 2004; Butler, 2018).

Conforme argumenta Severino (2007), a pesquisa conceitual busca problematizar categorias analíticas por meio de um diálogo crítico com autores que fundamentam o campo investigativo. A revisão bibliográfica abrangeu artigos científicos, livros, dissertações e teses, acessados nas bases SciELO, Google Acadêmico e Periódicos CAPES, todos em língua portuguesa. A seleção das fontes foi orientada pela verificação do ISSN, priorizando obras de referência e autores com reconhecimento na área, enquanto foram excluídos materiais sem respaldo teórico consistente.

No que tange à análise fílmica, o estudo concentrou-se nas obras *Moonlight* (2016) e *Sócrates* (2018), cujas narrativas abordam as experiências de jovens negros, cisgênero e gays em contextos marcados pela vulnerabilidade social. Para tanto, empregou-se a análise de conteúdo (Severino, 2007) como ferramenta metodológica para a interpretação de cenas, diálogos e símbolos, com foco nos processos de constituição subjetiva dos protagonistas.

A etapa de análise do corpus teórico e fílmico foi conduzida a partir de uma leitura crítica e articulada, promovendo o diálogo entre distintos referenciais teóricos e abordagens qualitativas, em consonância com os parâmetros indicados por Campos *et al.* (2023), os quais destacam a importância de aliar rigor metodológico à flexibilidade na construção do

conhecimento. Nessa perspectiva, Garcia (2016) ressalta o papel da revisão bibliográfica na contextualização da pesquisa no estado da arte, enquanto Campos *et al.* (2023) enfatizam sua função estratégica no mapeamento de lacunas teóricas que impulsionam novas investigações.

3 Moonlight: Sob A Luz Do Luar

A infância de “Little”: dores, descobertas e o início da subjetivação

Na infância, Chiron, um menino negro periférico, inicia sua jornada de autodescoberta em meio à ausência de figuras parentais afetivamente presentes, vivenciando uma negligência materna marcada pelo envolvimento da mãe com o crack e pela instabilidade emocional no contexto familiar. Essa lacuna afetiva é parcialmente preenchida por Juan, seu vizinho e chefe do tráfico local, que paradoxalmente, assume uma função paterna ao oferecer cuidado, escuta e proteção. A ambiguidade dessa relação revela a complexidade das redes afetivas em contextos marginalizados: Juan, figura associada à violência estrutural do tráfico, torna-se, para Chiron, uma referência de segurança e identificação. Como pontua Bhabha (1998), a construção identitária é atravessada por relações ambivalentes de poder e afeto, sendo possível que sujeitos marginalizados encontrem estratégias de resistência e pertencimento justamente nos interstícios da norma social. A relação com Juan representa, assim, um espaço liminar de acolhimento e reconstrução subjetiva, mesmo em meio à contradição ética de seu papel no tráfico.

Apesar da dificuldade inicial para estabelecer vínculos, reflexo direto das adversidades familiares e da violência estrutural presente em seu bairro, Chiron desenvolve com Juan uma relação de afeto e confiança. Sua infância é marcada por experiências de exclusão e bullying no ambiente escolar, causadas por comportamentos que não se alinham aos padrões normativos da masculinidade hegemônica (Connell, 2013), como sua sensibilidade, introspecção e gosto pela dança. A escola, nesse sentido, funciona como um aparato disciplinar (Foucault, 1999), castigando corporalmente sua inadequação: além dos xingamentos homofóbicos.

Chiron é frequentemente isolado e ridicularizado por sua característica física, violência que materializa a regulação dos corpos LGBTQIAPN+. Essa inadequação às normas de gênero e sexualidade é explicitada na cena em que, ao ser chamado de “bicha” pelos colegas, Chiron questiona Juan sobre o significado do termo. A cena revela uma precoce confrontação com a homofobia e a estigmatização de identidades contra-hegemônicas, configurando o que Judith Butler (2018) descreve como a performatividade de gênero: um processo no qual sujeitos se constituem por meio de normas reiteradas, sendo punidos quando fogem às expectativas sociais.

A tensão entre subjetividade, alteridade e exclusão, que perpassa a trajetória de Chiron, também pode ser compreendida à luz de autores como bell hooks¹¹ (2004), que discute como corpos racializados e gays são sistematicamente desumanizados e forçados ao silêncio nas estruturas sociais dominantes. A figura de Chiron, nesse sentido, incorpora a interseccionalidade entre raça, classe, gênero e sexualidade, revelando como essas dimensões produzem experiências específicas de desamparo social e resistência cotidiana.

Sua infância marcada pelo abandono materno, pela violência escolar e pela figura ambivalente de Juan, configura o que Grada Kilomba (2019) reflete como experiências traumáticas que inscrevem na carne do sujeito negro e homossexual as marcas da exclusão, mas que também germinam, em seus interstícios, gestos sutis de rebeldia. O olhar atento de Chiron, sua dança solitária na praia e seu silêncio carregado de significados revelam que, mesmo antes de nomear sua diferença, ele já negociava, à sua maneira, os limites impostos pelo mundo adulto.

“Chiron”: Adolescência e Formação Identitária sob Pressões de Exclusão e Violência

Durante a adolescência, Chiron torna-se ainda mais introspectivo, aprofundando o conflito entre seu desejo de autenticidade e as pressões sociais para a conformidade. Essa fase marca um agravamento das condições de vulnerabilidade: o abandono definitivo de Juan, sua figura paterna simbólica, e a intensificação da dependência química da mãe, que passa a se prostituir para sustentar o vício. A ausência de suporte afetivo e a vivência contínua da violência conduzem Chiron a um retraimento emocional, que pode ser compreendido como uma forma de proteção psíquica diante das múltiplas opressões que atravessam sua existência.

Assim, é significativo refletir sobre o processo de formação identitária na adolescência e suas fragilidades, pois, quando a situação social é marcada por precariedade e exclusão, torna instável a possibilidade de construção de identidades fortalecidas (Arpini e Quintana, 2003). É nesse contexto de extrema fragilidade que Chiron vivencia seu primeiro contato afetivo e sexual com Kevin, seu amigo de infância. Esse episódio representa uma tentativa de afirmação e reconhecimento de sua sexualidade, revelando, ainda que brevemente, um momento de cuidado e conexão.

¹¹ A autora bell hooks adota o pseudônimo em letras minúsculas para destacar suas ideias em vez de sua identidade pessoal.

Ainda que tenha demonstrado afeto em um primeiro momento, Kevin, submetido à pressão das normas da masculinidade hegemônica (Connell, 2013), nega esse vínculo ao agredir Chiron em público, cedendo à coerção de seus colegas de escola. Essa cena de traição e violência revela o que Butler (2018) compreende como punição social imposta às identidades que se desviam da norma heterossexual e de gênero, evidenciando os efeitos devastadores da performatividade compulsória.

A violência física sofrida, somada ao acúmulo de humilhações cotidianas, culmina em uma reação explosiva por parte de Chiron. Em um gesto de ruptura, ele revida atacando, dentro da sala de aula com uma cadeira, o colega que liderava as agressões contra ele e que havia pressionado Kevin a participar do ato violento. Essa resposta marca um ponto de virada na narrativa, revelando os efeitos das múltiplas violências sofridas e a complexa dinâmica entre opressão, silenciamento e resistência. Tal gesto, mais do que um ato isolado, pode ser compreendido como uma resposta ao sistema de exclusões e silenciamentos aos quais ele foi submetido desde a infância. Segundo Fanon (1968) a violência dos oprimidos pode emergir como um grito de existência frente a um mundo que constantemente os nega.

Como desdobramento desse episódio, Chiron é preso, e seu processo de marginalização se intensifica, reforçando um ciclo de exclusão social. Esse fenômeno se alinha à noção de “criminalização da diferença”, conforme discutida por Andrade e Rezende (2023), que investigam como a cidade e o encarceramento atuam como mecanismos de controle sobre corpos periféricos racializados, exemplificando a transformação da diferença em ameaça institucional que legitima punição e confinamento.

Diante disso, Arpini e Quintana (2003) indagam que a retirada de um adolescente de um espaço legítimo de socialização, como por exemplo, escola e trabalho, os direciona para lugares sociais marcados pela marginalização e exclusão. Adicionalmente, ainda segundo os autores, essa forma de organização social não apenas naturaliza a lógica vigente, como também limita alternativas. A adolescência de Chiron mostra como a ausência de afeto, o racismo, a homofobia, e a exclusão social não apenas limitam escolhas, mas também inibem a formação de identidades, sendo estas formadas a partir da dor. Ao invés de descobrir quem é, Chiron aprende quem precisa parecer ser para sobreviver, expondo uma sociedade que não permite que certos corpos definam seus próprios caminhos e estilos de vida.

Black: Masculinidade, Vulnerabilidade e a Possibilidade de Reconstrução Afetiva na Vida Adulta

Na vida adulta, após cumprir pena na cadeia, Chiron adota o apelido que carregava na juventude, “Black”, assumindo assim, uma nova persona com postura aparentemente rígida, forte e protegida, simbolizada não só por seu corpo musculoso, mas também pelo comportamento emocionalmente reservado que teve de construir ao longo dos anos. De acordo com hooks (2019, p. 179), as formas pelas quais os homens negros podem expressar sua dor acabam sendo limitadas pelas regras do patriarcado supremacista branco, que permite que eles falem de si apenas de maneiras que os reforcem em um lugar de primitivismo. Tal masculinidade performática reflete os traumas da infância e adolescência que moldaram sua subjetividade, ocasionando a repressão de sua sexualidade, distanciamento afetivo e silenciamento de seus desejos, servindo como forma de compensação por uma trajetória atravessada por violências estruturais.

No entanto, o reencontro com Kevin, evoca uma memória afetiva reprimida que funciona como ponto de ruptura na armadura emocional que Chiron carrega. Nesse momento, ele é confrontado por seu passado e pelo retorno simbólico do seu antigo “eu”, que expressa a fragilidade e a vulnerabilidade de uma vida que ele optou por suprimir. Os sentimentos envolvidos na cena explicitam atitudes de resistência subjetiva e ressignificação de sua trajetória, sinalizando a potência do afeto na reconstrução de si. Segundo Dias (2020), o apagamento de identidades LGBTQIAPN+ está relacionado a experiências vivenciadas desde a infância, marcadas por violências físicas e simbólicas, restrições à liberdade de ser e brincar, além de mecanismos, muitas vezes inconscientes, de sobrevivência frente aos corretivos impostos sobre gestos, posturas e modos de existir. Trata-se de um processo complexo, que envolve revisitar e remexer memórias e vivências.

Apesar da dureza imposta pelo mundo, Chiron carrega consigo uma fragilidade latente, o desejo sufocado e a busca por afeto e pertencimento. De acordo com Veiga (2018), as dificuldades nas relações amorosas de pessoas negras LGBTQIAPN+ estão também frequentemente relacionadas à baixa autoestima e à dificuldade de desenvolver amor próprio. Diante disso, muitas vivem sob constante sensação de rejeição e podem acabar reproduzindo dinâmicas afetivas marcadas pela recusa do amor, pela aceitação de relações não correspondidas ou, ainda, pela vivência do amor acompanhado de uma ansiedade constante, justificada pelo medo de que esse amor se desfaça a qualquer momento.

O filme se encerra após um uma síntese sensível e potente da jornada de um sujeito em busca de si, de sua identidade e da possibilidade de amar livremente. Embora não explicita se os protagonistas permanecem juntos, a narrativa deixa essa definição em aberto, convidando

o público à interpretação. Ainda assim, registra com delicadeza a beleza do reencontro e a possibilidade de cura e transformação por meio da conexão afetiva verdadeira entre homens negros gays.

4. Sócrates: Entre o Desamparo Estrutural e as Resistências Subjetivas

O filme *Sócrates* (2018), dirigido por Alexandre Moratto, inicia-se com a morte da mãe do protagonista, evento que inaugura uma trajetória marcada por dor, abandono e luta pela sobrevivência. Aos quinze anos, Sócrates perde sua principal fonte de vínculo afetivo e suporte emocional, passando a viver em condição de desamparo absoluto. A ausência de um pai violento e homofóbico, aliada ao desprezo por parte da família paterna, evidencia a fragilidade das redes familiares de proteção, sobretudo em contextos atravessados por marcadores sociais da diferença, como raça, classe, sexualidade e faixa etária.

Sócrates é um jovem cisgênero, negro, gay, periférico e em situação de pobreza, vivendo em uma realidade brasileira marcada por desigualdades estruturais. Sua trajetória evidencia como esses marcadores operam de forma interseccional, produzindo formas específicas e agravadas de vulnerabilização social. De acordo com Novaes *et al.* (2025), os marcadores sociais da diferença incidem diretamente na constituição das subjetividades, sendo atravessados por relações de poder que naturalizam processos de exclusão. Logo, ignorar essas intersecções é negligenciar os modos como determinadas populações enfrentam formas mais severas e persistentes de opressão (Macedo; Medeiros, 2025).

Sem acesso a políticas públicas e vivendo em condição de extrema limitação financeira, Sócrates tenta sobreviver por meio de trabalhos informais e instáveis. É rejeitado em entrevistas de emprego devido à idade, dorme nas ruas, sofre com a fome e chega a buscar alimentos no lixo. Na perspectiva bourdieusiana (2007), a classe social constitui um fator estruturante da experiência, influenciando não apenas as condições materiais, mas também os modos de ser, agir e perceber o mundo.

Ao longo de sua trajetória, é alvo de agressões LGBTQIAPN+fóbicas, como quando é chamado de “veado” por um colega de trabalho, episódio que revela como a masculinidade hegemônica opera como um dispositivo de coerção e silenciamento da diferença. Conforme Connell (2013), essa masculinidade privilegia formas cis, heterossexuais, brancas e

dominantes, funcionando como norma cultural que subjuga e exclui identidades dissidentes¹². A LGBTQIAPN+fobia, nesse sentido, é um componente que atua na manutenção da normatividade sexual.

A negligência do Estado e de suas instituições, como evidenciado na narrativa do filme, revela a perpetuação de violências sistemáticas. Ela se expressa tanto por meio da violência simbólica, que deslegitima certas existências, quanto da estrutural, que organiza a sociedade de forma desigual e restringe o acesso a direitos como moradia, saúde e segurança. Conforme Chauí (2017), essas violências operam de forma contínua e naturalizada: a estrutural mantém desigualdades materiais, enquanto a simbólica atua silenciosamente, contribuindo para a exclusão por meio da produção de sentidos sociais que a dissimulam ou tornam-na socialmente tolerada. Assim, a marginalização de corpos LGBTQIAPN+, racializados e empobrecidos é perpetuada socialmente.

Em meio à processos de vulnerabilização, Sócrates conhece Maicon durante um de seus empregos; apesar de um primeiro encontro conflituoso, Maicon passa a demonstrar interesse e acolhe Sócrates, chegando a lhe ceder sua casa em momentos de necessidade. A partir desse vínculo, constrói-se uma relação marcada por afeto e desejo, mas também por recusas. Maicon decide se afastar por medo da rejeição social, evidenciando os limites impostos pela norma da masculinidade hegemônica que deslegitima expressões afetivas entre homens e cerceia subjetividades dissidentes.

Nesse cenário, o desejo homoafetivo torna-se campo de conflito e sofrimento, atravessado por interdições sociais que o posicionam como desvio. Conforme Trevisan (2000), em sociedades marcadas pela homofobia, a homossexualidade é vivida como exílio interno, em que o sujeito é forçado a esconder suas formas de amar e desejar. Assim, os gestos de afeto entre os personagens, mesmo interrompidos, funcionam como formas de resistência frente ao preconceito estrutural.

Diante do abandono e da precariedade, Sócrates recorre ao álcool, cogita a prostituição e comete pequeno furto como forma de sobrevivência. Essas ações não devem ser lidas de modo moralizante, mas compreendidas como respostas a um cenário de violação sistemática de direitos. Safatle (2018) propõe compreender o desamparo como um fenômeno social e político, resultante do fracasso histórico das instituições em garantir cuidado às vidas que escapam à norma.

¹² Identidades dissidentes são aquelas que desafiam, questionam ou fogem das normas sociais hegemônicas relacionadas a gênero, sexualidade e outras categorias sociais, propondo formas alternativas de ser e existir.

O personagem expressa, em seu corpo e trajetória, os efeitos de um Estado que historicamente nega direitos à população negra, pobre e dissidente. Essa conjuntura evidencia o que Abdias Nascimento (2016) denunciava como genocídio do povo negro, não apenas físico, mas na destruição de possibilidades de existência digna. Conforme Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural opera pela omissão: ausência de políticas públicas, abandono institucional e negação de oportunidades e humanidade a certos corpos.

Em um dos momentos mais angustiantes, Sócrates retorna à casa do pai pedindo comida e bênção e é novamente rejeitado. Após ser violentado pelo pai, reage, agride-o e quebra objetos. Esse ato configura-se como expressão simbólica do colapso do laço social e revela o sofrimento ético-político, conceito que, segundo Sawaia (2001), emerge das condições de injustiça impostas por estruturas desiguais. Trata-se de uma dor socialmente produzida, marcada por exclusão, desigualdade e desvalorização.

A cena final do filme, na qual Sócrates despeja as cinzas da mãe no mar, carrega forte simbolismo. Representa não apenas a despedida da figura materna, mas um ato de resistência e elaboração do luto. Sua tentativa de entrar no mar, seguida do retorno à terra, sugere ambivalência: recusa da morte e reaproximação da vida. Esse gesto pode ser interpretado como metáfora da luta por existência em meio ao apagamento social, reafirmando a resistência de vidas dissidentes.

A presença constante da dor e do desamparo, como discute Mbembe (2018) ao tratar da necropolítica, revela que Sócrates habita uma zona de não-ser, espaço onde o Estado decide quem pode viver e quem deve morrer, mesmo que lentamente, pela miséria e falta de futuro. Nesse regime, corpos negros, gays e pobres são alvos de controle que os expõem à morte física, simbólica e social. Contudo, Sócrates expressa formas de resistência, ainda que silenciosas. Sua subjetividade se constrói não apenas no abandono, mas também na busca por reconhecimento e na criação de modos singulares de existir.

5 Similaridades e Diferenças Entre Sócrates e Moonlight

Tanto em *Moonlight* (2016) quanto em *Sócrates* (2018), a experiência de ser um homem gay não ocorre de forma isolada, mas é atravessada por marcadores sociais como raça, classe e gênero. Conforme apontam Meira e Ferreira (2022), a sobreposição de características identitárias intensifica a exposição à múltiplas formas de opressão. Além disso, quanto maior o distanciamento de uma identidade cisheteronormativa, mais intensa tende a ser a pressão social pela conformidade e, conseqüentemente, o sofrimento ético-político (Baé e Zanello, 2022).

Apesar de estarem inseridos em contextos nacionais distintos, com histórias e dinâmicas próprias no que se refere à racialização, às políticas públicas, processos educacionais e aos discursos normativos, ambos os filmes revelam um fenômeno social transnacional: múltiplas formas de exclusão e opressão de corpos negros, periféricos e dissidentes da norma sexual, que atravessam tanto o campo social quanto o subjetivo. Nos Estados Unidos, *Moonlight* evidencia a segregação racial histórica, marcada por um racismo institucional que estrutura desigualdades sociais e molda subjetividades. No Brasil, *Sócrates* denuncia a persistência do mito da “democracia racial”, ideologia que, como analisa Andrews (1985), encobre a hierarquização racial e dificulta o reconhecimento e o enfrentamento do racismo.

Ainda que assumam formas distintas, o racismo nos contextos dos Estados Unidos e do Brasil revela-se estrutural. Nos Estados Unidos, manifesta-se de maneira explícita e institucionalizada. No Brasil, atua de forma mais dissimulada e simbólica, sustentando a naturalização das desigualdades sociais. Como argumenta Almeida (2019), a estrutura social, em sua própria constituição, é racista. Essa estrutura se expressa tanto nas interações cotidianas quanto nas políticas institucionais, impactando diretamente os processos de subjetivação de sujeitos negros e dissidentes da norma. Nesse sentido, o filme *Sócrates* estabelece um diálogo potente com *Moonlight* ao abordar os efeitos subjetivos da homofobia, do racismo, da desigualdade social e da negligência institucional. Os dois protagonistas enfrentam múltiplas formas de marginalização, que os colocam em situação de sofrimento ético-político e exclusão.

Outra similaridade presente em ambas as obras audiovisuais é a impossibilidade de vivência plena do afeto, que funciona como um mecanismo de controle social sobre os corpos e desejos dissidentes. Nos dois filmes, os primeiros contatos dos protagonistas com parceiros do mesmo gênero são seguidos por episódios de violência, evidenciando como a expressão do afeto entre homens gays é historicamente reprimida e associada a algo considerado socialmente inaceitável ou desviante. Sob a perspectiva foucaultiana (1976), esse controle não ocorre apenas por proibições explícitas, mas por meio de mecanismos sutis de poder que moldam subjetividades e definem as formas legítimas de amar.

O amor entre homens foi tradicionalmente patologizado, criminalizado ou silenciado, promovendo processos de autorregulação e autocensura. Em *Moonlight*, esse contexto contribui para um retraimento maior do protagonista Chiron, para quem o afeto também poderia representar uma possibilidade de novo caminho, especialmente diante da escassez de suporte social. Em *Sócrates*, por sua vez, o afeto poderia se configurar como amparo para o personagem, que luta pela sobrevivência em meio ao caos. Nesse sentido, o afeto poderia ter funcionado

como uma importante fonte de sustentação diante dos múltiplos desafios enfrentados por ambos os protagonistas.

Dados do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2024) apontam que, em 2023, foram registrados 118 assassinatos de homens gays no Brasil, representando 56,7 % das mortes violentas contra pessoas LGBTQIAPN+. Esses números revelam a dimensão da violência motivada por orientação sexual e identidade de gênero e mostram como os corpos dissidentes continuam sendo alvos preferenciais da necropolítica social vigente. Paralelamente, dados do IBGE (2022) indicam que 40 % da população preta ou parda vivia abaixo da linha da pobreza, quase o dobro do percentual entre pessoas brancas (21 %). Esse dado revela como a raça segue sendo um marcador estrutural de desigualdade no Brasil. Já o Atlas da Violência (IPEA, 2023) revela que, em 2023, 76,97 % das vítimas de homicídio no país eram pessoas negras ou pardas, sendo a maioria composta por jovens entre 15 e 29 anos. Quando somados aos marcadores de gênero e sexualidade, esses dados indicam uma intensificação das vulnerabilidades e das desigualdades sociais.

Essas evidências reforçam que a vulnerabilidade social não pode ser compreendida por meio da análise isolada de cada marcador social, mas sim a partir da articulação entre eles. Como argumentam Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade possibilita compreender como diferentes sistemas de opressão, como o racismo, o sexismo, o classismo e a LGBTfobia, operam de forma interligada, produzindo níveis elevados de vulnerabilização e exigindo respostas políticas complexas e integradas. Reconhecer essa sobreposição de opressões é essencial para a formulação de políticas públicas e práticas sociais eficazes, capazes de enfrentar as desigualdades históricas e estruturais que afetam, de maneira especialmente brutal, sujeitos LGBTQIAPN+ negros em contextos de marginalização social.

6 Conclusões

O entendimento do processo de subjetivação de homens negros, gays e em situação de vulnerabilidade social requer um olhar interseccional, capaz de considerar como o entrelaçamento de raça, classe, gênero, sexualidade e contextos sociopolíticos molda profundamente suas experiências. Esses marcadores atuam conjuntamente, gerando camadas complexas de opressão e resistência que atravessam os corpos e as subjetividades desses sujeitos, como evidenciado nos filmes *Moonlight* e *Sócrates*. A vivência de ser negro e homossexual em uma sociedade estruturalmente racista, classista e LGBTQIAPN+fóbica

impõe desafios singulares, impactando o acesso a direitos, espaços de pertencimento e possibilidades de reconhecimento social.

Nesse contexto, o Estado precisa assumir um compromisso efetivo na formulação e implementação de políticas públicas interseccionais que enfrentam diretamente as desigualdades estruturais atravessadas por raça, gênero, classe e sexualidade. Isso inclui ações afirmativas voltadas à população LGBTQIAPN+ negra, com foco em proteção contra a violência, acesso humanizado ao SUS (Sistema Único de Saúde), SUAS (Sistema Único de Assistência Social), serviços saúde mental, ampliação das cotas em universidades e mercado de trabalho, bem como educação antidiscriminatória e habitação segura. Tais medidas devem ser construídas com participação direta dos sujeitos marginalizados, garantindo acesso real, contínuo e equitativo aos direitos fundamentais.

A ausência dessas ações reflete uma negligência estrutural. Como argumenta Jessé Souza (2017), o Estado atua como agente reprodutor das desigualdades ao naturalizar a pobreza e responsabilizar os indivíduos por suas condições de vida, ocultando suas origens históricas e estruturais. As narrativas dos filmes analisados denunciam esse processo: revelam a negação de afeto, a escassez de oportunidades e o silenciamento de identidades contra-hegemônicas, expressando o fracasso estatal em garantir proteção e dignidade.

Nesse cenário, o cinema surge como ferramenta potente de crítica e reflexão. Conforme Carvalho (2016), ele é um espaço simbólico de disputas ideológicas e produção de sentidos, contribuindo tanto para a reprodução quanto para a desconstrução de normas sociais. Especialmente em sociedades cisheteronormativas, o cinema pode ser um dispositivo de subjetivação, dando visibilidade a corpos e experiências historicamente marginalizados, favorecendo processos de reconhecimento e ressignificação.

Apesar das contribuições desta análise, ressalta-se a necessidade de estudos futuros que aprofundem o impacto das representações midiáticas sobre as vivências LGBTQIAPN+, especialmente as de jovens negros gays. É fundamental investigar se essas representações contribuem para o fortalecimento de processos de empoderamento e emancipação ou, ao contrário, reforçam estereótipos e violências simbólicas. Garantir a dignidade humana, portanto, implica não apenas assegurar direitos básicos, mas também ampliar as possibilidades de existência. Isso demanda romper com modelos rígidos de viver e pensar, reconhecendo a pluralidade da vida e a potência das escolhas que desafiam normas e expectativas. Ao expandir o olhar para os diferentes modos de existir, abre-se espaço para subjetividades mais livres, diversas e autênticas.

Referências

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: Unesco. 2002.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, L. F. S.; REZENDE, A. F.. Cidade, encarceramento e violência: uma geografia da sobrevivência dos negros para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 21, n. 2, p. e2022-0122, mar. 2023. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1679-395120220122>>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ANDREWS, G. R. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. **Lua Nova**. São Paulo, n. 5, p. 52-56, jun. 1985. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451985000200013>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 20, n. 1, p. 27-36, jan. 2003.

BAÉRE, F. de; ZANELLO, V. A saúde mental nas ondas do movimento LGBTQIA+ brasileiro. **Historiæ, [S. l.]**, v. 13, n. 1, p. 129-150, 2023. ISSN: 1519-8502. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12302>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

BEZERRA, D. de S.; BEZERRA, D. de S.; MARQUES, J. A. As influências sociais na construção da identidade de gênero. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**. Cajazeiras, n.2, suplementar, p. 29 – p.37, set de 2017. DOI: <<https://doi.org/10.24219/rpi.v2i2.0.280>>. Acesso em: 15 maio 2025.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG. 1998.

BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G. Furtado, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** (pp. 15-35). São Paulo: Cortez. 2001.

BONOTO, C. “AQUI TEM GENTE COMO EU”: SUBJETIVIDADE LGBT EM TRAJETÓRIAS MIDIÁTICAS. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, ISSN: 2358-212X v.10, nº1, edição de Julho de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4605>>. Acesso em: 20 maio 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler;** tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, L. R. M. *et al.* A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 22, n. 57, p. 96-110, 2023. Acesso em: 26 maio 2025.

CARVALHO, A. T. C. de. **Gênero e representatividade:** Brasil e Portugal na rota do Cinema Queer. Dissertação (Mestrado). Covilhã, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.6/5851>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CHAUÍ, M. de S. **Sobre a violência.** Belo Horizonte: Autêntica, 320 p. 2017.

COLLINS, P; H;; BILGE, S. **Interseccionalidade.** Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNEL, R. W.; MESSERSCHMIDT, W. J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudo Feministas**, Florianópolis-SC, 1(21), 2013. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Acesso em: 01 jun. 2025.

DIAS, Juarez Guimarães. Da criança que um dia fui para as crianças que ainda somos: um manifesto pela liberdade de ser. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Belo Horizonte: UFMG, v. 9, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/38108>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Tradução de José Laurênio de Melo. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FOUCAULT, M. A História da Sexualidade: **Vontade de Saber**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, E. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica: uma discussão necessária. **Revista Línguas e Letras:** Cascavel, v. 17, n. 35, p. 291-294, 2016. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/13193>>. Acesso em: 26 maio 2025. GGB – Grupo Gay da Bahia. Relatório de violência homofóbica no Brasil – 2023. Salvador: GGB, 2023.

GUARESCHI, N. M. F. *et al.* Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 jun. 2025.

HOOKS, b. **Salvação:** pessoas negras e amor. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HOOKS, b. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: <<https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/bell-hooks-Olhares-Negros.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais 2022: **Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da Violência 2023**. Brasília: IPEA, 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>>. Acesso em: 16 maio 2025.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, R. M.; MEDEIROS, T. M. de. Marcadores sociais da diferença, interseccionalidade e saúde coletiva: diálogos necessários para o ensino em saúde. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, V. 49, N. 144, e9507, JAN-MAR, 2025. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2358-289820251449507P>>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MARTINS, E. de C.; IMBRIZI, J. M.; GARCIA, M. L. Cinema, Subjetividade e Sociedade: A Sétima Arte na Produção de Saberes. **Revista de Cultura e Extensão USP**, São Paulo, n. 14, p.53-64, mar. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v14isupl.p53-64>>. Acesso em: 16 maio 2025.

MEIRA, C. S.; FERREIRA, L. A. T. Interseccionalidades e os marcadores de desigualdades nas escolas públicas de Poções-BA para com a população LGBT. **Gênero, Sexualidade e Identidade em suas diferentes análises**. Editora Poisson. p. 8, 2022. DOI: 10.36229/978-65-5866-206-8.CAP.01. Acesso em: 11 jun. 2025.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. **Conexão Política**. São Paulo: Perspectivas. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.26694/rcp.issn.2317-3254.v8e1.2019.p93-9>>. Acesso em 11 jun. 2025.

NOVAES, E. *et al.* VIVÊNCIAS DE JUVENTUDES LGBTQIAPN+ NO ENSINO SUPERIOR: ENTRE MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇA E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. 3, p. 1726–1743, 2025.

SAFATLE, V. Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In: SAFATLE, V.; JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Patologias do social**: Arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-35. 2018.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, B. (org) *et al.* **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, O. H. F. da *et al.* DO RACISMO CIENTÍFICO AO RACISMO SOCIAL: O CONCEITO DE “RAÇA” NAS RELAÇÕES HUMANAS. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 14, n. 40, p. 410–428, 2023. DOI: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.7866929>>. Acesso em: 01 jun. 2025.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

VEIGA, L. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 77–88, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ZAMBONI, M. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: Grandes Temas do Conhecimento**, 1, 14-18. 2014.